

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO (A) ESCOLAR E EDUCACIONAL: RELATO DE EXPERIÊNCIA EM INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Patricia Vaz de Lessa

Universidade Estadual de Londrina

Rafael Guillard Armelin

Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera

Recebido em: 13/11/2023

1ª revisão em: 13/12/2024

Aceito em: 27/12/2024

RESUMO

O contexto escolar é um ambiente social complexo, no qual as relações se estabelecem, e se faz profícuo para a formação dos estudantes em psicologia. O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência de iniciação científica sobre a atuação do psicólogo escolar e educacional na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural em uma escola do estado do PR. As atividades foram desenvolvidas por duas estudantes em uma escola municipal, no norte do Paraná, em uma sala de 3º ano, realizada em grupos. Após o período de observação participante, foi realizada uma análise institucional e elaboração de um plano de ação que foi implementado na sala de aula. Como resultados, foi possível observar, estudantes engajados na realização das propostas, nas atividades de rotina escolar, propiciando melhor socialização, exercitando a expressão, as habilidades sociais e, o reconhecimento das próprias emoções nas diversas situações.

Palavras-chave: psicologia escolar e educacional; iniciação científica; psicologia escolar crítica; psicologia histórico-cultural.

THE ROLE OF THE SCHOOL AND EDUCATIONAL PSYCHOLOGIST: A REPORT ON AN EXPERIENCE IN SCIENTIFIC INITIATION.

ABSTRACT

The school context is a complex social environment in which relationships are established, and it is useful for training psychology students. The aim of this article is to present a scientific initiation experience report on the work of the school and educational psychologist from the perspective of Historical-Cultural Psychology in a school in the state of Paraná. The activities were carried out by two students in a municipal school in the north of Paraná, in a 3rd grade classroom in groups. After the period of participant observation, an institutional analysis was carried out and an action plan was drawn up and implemented in the classroom. As a result, it was possible to observe students engaged in carrying out the proposals in routine school activities, providing better socialization, exercising expression, social skills and recognizing their own emotions in different situations.

Keywords: school and educational psychology; scientific initiation; critical school psychology; historical-cultural psychology.

ACTUACIÓN DEL PSICÓLOGO ESCOLAR Y EDUCATIVO: RELATO DE EXPERIENCIA EN INICIACIÓN CIENTÍFICA.

RESUMEN

El contexto escolar es un entorno social complejo, donde se establecen relaciones que resultan fructíferas para la formación de los estudiantes en Psicología, específicamente en el área de Psicología Escolar y Educacional. Este proyecto de Iniciación Científica tuvo como objetivo comprender cómo se desarrolla el proceso de escolarización de los niños en el contexto escolar y cuáles son los sentimientos de estos niños frente a las dificultades escolares. Las actividades se llevaron a cabo en una escuela municipal en el norte de Paraná, considerando como ejes fundamentales: lo institucional, lo pedagógico, las relaciones interpersonales, la cultura y las políticas educacionales. Presentamos un recorte de las actividades grupales realizadas con los niños, basadas en demandas identificadas a través de la observación participante. Los resultados evidenciaron un notable compromiso de los estudiantes en la realización de las propuestas y las actividades de rutina escolar, favoreciendo la socialización y la empatía entre ellos. Asimismo, se observó un ejercicio significativo en la expresión emocional, el desarrollo de habilidades sociales y el reconocimiento de las propias emociones en diferentes situaciones.

Palabras clave: psicología escolar y educacional; iniciación científica; psicología escolar crítica; psicología histórico-cultural.

INTRODUÇÃO

A Psicologia enquanto ciência possui um vasto campo de aplicação e atuação, e, dentre eles está o campo Escolar e Educacional, que norteia, teórico-metodologicamente, a atuação dos profissionais em instituições educativas e escolares. Segundo a Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee), o objetivo da Psicologia Escolar e Educacional consiste em analisar, descrever e aplicar intervenções que facilitem os processos de ensino-aprendizagem, identificando os contextos que podem dificultar a aprendizagem do aluno, se dedicando o profissional ao ensino e à pesquisa na interface Psicologia e Educação (Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, n.d.).

Para compreender as relações existentes nessa interface e contribuir para os processos de ensino-aprendizagem inseridas no contexto escolar precisamos refletir sobre o papel da escola em nosso contexto social complexo. Pois, a escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento do psiquismo, ao permitir o acesso sistemático e intencional aos conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade (Martins, 2021). Assim, a escola é compreendida como um instrumento indispensável na formação de sujeitos críticos, autônomos e capazes de intervir na realidade.

Nesse contexto, a discussão sobre o papel da escola na sociedade está diretamente relacionada à própria construção da sociedade e dos seus valores sociais de democracia. De acordo com Leite (2022), a escola deve ser concebida como um espaço democrático que reflete e questiona os valores sociais, promovendo a participação ativa de todos os atores escolares no processo educativo. Essa perspectiva considera a escola como uma instituição mediadora entre os indivíduos e a sociedade, desempenhando um papel essencial na formação de cidadãos críticos e engajados, capazes de contribuir para a consolidação de uma democracia plural e inclusiva.

Para Saviani (2017), a educação desempenha um papel central na consolidação da democracia ao possibilitar a formação de sujeitos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Uma educação democrática não apenas transmite conhecimentos, mas também promove a emancipação humana, capacitando os indivíduos a participarem ativamente na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Martins (2021) ainda destaca a importância de considerar o contexto histórico e social da escola, reconhecendo que fatores como a desigualdade social, a violência, o preconceito e a exclusão têm grande influência na dinâmica escolar.

É necessário que a educação possa promover a instrumentalização de todos os envolvidos no processo educativo por meio da apropriação de instrumentos teóricos e práticos necessários à reflexão crítica acerca da prática social (Saviani, 2017). O que demanda um olhar crítico sobre os aspectos ideológicos e os valores sociais que têm embasado as práticas utilizadas no ambiente educacional, dos diferentes profissionais envolvidos. Assim, a escola se configura como um

ambiente privilegiado que possibilita uma intervenção pedagógica intencional, no qual se insere o processo de ensino- aprendizagem, em que o professor tem o papel de promover as condições para o desenvolvimento do psiquismo – processos psicológicos superiores de seus alunos (Vigotsky, 1987/1991; 1984/2007).

Nesse sentido, Souza (2009; 2017) defende que a psicologia escolar e educacional deve ir além da visão tradicional que foca apenas nos aspectos individuais dos alunos e deve se engajar em uma atuação que problematize as condições históricas e sociais que impactam o processo educativo. A reflexão crítica, fundamentada na análise dialética das relações sociais, torna-se, assim, essencial para que a psicologia escolar e educacional contribua efetivamente para a transformação da escola em um espaço mais democrático, inclusivo e capaz de superar as causas estruturais do fracasso escolar.

A psicologia escolar e educacional, quando alinhada à psicologia histórico-cultural e à pedagogia histórico-crítica, tem o potencial de ir além da visão individualista e patológica do comportamento, para analisar as condições sociais, culturais e econômicas que impactam a aprendizagem e o desenvolvimento dos estudantes (Martins, 2021). Mediante essa discussão, a Psicologia Histórico-cultural se estabelece como uma referência teórica imprescindível para a elaboração de um modelo de psicologia escolar em uma concepção crítica, permitindo a análise e intervenção sobre temas centrais dentro do ambiente escolar, tais como: queixa escolar, questões étnico-raciais, medicalização da educação, inclusão e diversidade, formação de professores, dentre outros. Asbahr (2014) enfatiza que a Psicologia Escolar, dentro dessa concepção crítica, deve considerar as relações de poder, os determinantes sociais da aprendizagem e o papel da escola na reprodução das desigualdades sociais que afetam significativamente a vida de todos os envolvidos no ambiente escolar.

Se a escola deve se configurar como um espaço que promova práticas democráticas e contribua para a emancipação humana (Silva, Facci, & Souza, 2018), a atuação do psicólogo escolar e educacional é fundamental para fomentar reflexões críticas e ações que valorizem a igualdade, a inclusão e o respeito à diversidade, essenciais para a construção de uma sociedade democrática e humanizada. O psicólogo escolar e educacional seria um agente de mudanças dentro da instituição-escola, como um elemento catalizador de reflexões, atuando como um conscientizador dos papéis representados pelos vários grupos que compõem a instituição. Seu trabalho do psicólogo deve ser feito junto à direção da escola e o corpo docente, orientando-os como lidar com as questões que emergem no contexto escolar (Andaló, 1984).

Assim, qualquer que seja a natureza dos problemas encontrados no processo de escolarização, a saber, relacionadas à cognição, família, desenvolvimento, emoções e sociabilidade, o psicólogo sempre deve procurar conscientizar os atores escolares da realidade concreta vivida, provocando a reflexão sobre os seus objetivos e

expectativas em relação ao estudante, analisando conjuntamente o tipo de relação existente entre eles (Lessa, 2014).

De acordo com Patto (1999; 2022), a necessidade de uma reflexão crítica sobre a atuação do psicólogo escolar e educacional está intimamente relacionada à compreensão da materialidade histórica das dimensões que envolvem a queixa e o fracasso escolar. Para a autora, o fracasso escolar não pode ser atribuído exclusivamente às características individuais dos alunos, mas deve ser visto como o resultado de um complexo processo que envolve fatores sociais, econômicos e culturais, refletindo as desigualdades estruturais presentes na sociedade. A psicologia escolar e educacional, ao adotar uma abordagem crítica nos postulados históricos ou dialéticos, deve analisar a escola como um espaço de relações de poder, onde as práticas pedagógicas muitas vezes reforçam a exclusão e a marginalização de determinados grupos. Nesse sentido, essa atuação precisa transcender as intervenções individualizadas e considerar as condições históricas que moldam o ambiente escolar, buscando transformar as práticas educacionais e promover uma educação inclusiva e emancipatória.

Dessa forma, segundo Martins (2003), em vez de abordar os problemas escolares centrando seu olhar sobre os alunos, o psicólogo atuaria sobre as relações que se estabelecem neste contexto, levando em consideração o meio social em que estas relações estão inseridas e o tipo de clientela que atende, assim como os grupos que a compõem. Neste sentido, o foco, portanto, passa a ser o processo de escolarização e não o aluno. A atuação do psicólogo escolar e educacional, numa perspectiva crítica, deve transcender a resolução pontual de problemas, promovendo práticas que considerem as desigualdades sociais e as contradições históricas do contexto educacional, contribuindo para a construção de uma escola mais inclusiva e emancipadora (Souza, 2017).

Silva (2024) aponta que a atuação do psicólogo escolar e educacional deve ser voltada para a identificação das condições históricas e contextuais que contribuem para o fracasso escolar, promovendo intervenções que não apenas busquem respostas imediatas para as dificuldades dos alunos, mas que também estimulem a reflexão crítica sobre as práticas educacionais. Dessa forma, a psicologia escolar e educacional se apresenta como uma ferramenta essencial para a construção de um ambiente educativo mais inclusivo e democrático, no qual a queixa escolar seja compreendida como um fenômeno complexo, que exige uma abordagem que leve em conta múltiplos fatores e a transformação das práticas pedagógicas.

Para que tais condições sejam modificadas e promovam uma educação de qualidade, é necessário identificar como a escola acaba promovendo um processo histórico de marginalização dos estudantes, culminando na produção da queixa escolar. Tais condições acabam consolidando na produção do fracasso escolar de crianças e adolescentes nos diferentes níveis de ensino na educação básica. Para buscar reverter essa situação é necessária a análise do processo de escolarização, a partir de suas múltiplas determinações e que promova a superação destas

condições e que busquem a transformação da realidade social e educacional (Patto, 1999; Souza, 2009; Leonardo, Rossato & Leal, 2012).

De acordo com Silva (2024), a multidimensionalidade do processo educativo exige que a psicologia escolar e educacional considere uma série de fatores que influenciam o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes. No contexto brasileiro, a atuação do psicólogo escolar e educacional se torna ainda mais complexa devido às desigualdades sociais, culturais e econômicas que permeiam as escolas, exigindo uma abordagem que leve em conta a diversidade de realidades vividas pelos alunos. A psicologia escolar e educacional, portanto, precisa lidar com questões como a violência escolar, a exclusão social, as dificuldades de aprendizagem, o bullying e a adaptação de alunos com necessidades especiais, entre outros problemas que afetam diretamente o bem-estar e o desempenho dos estudantes. A compreensão desses desafios e a aplicação de estratégias interventivas eficazes são fundamentais para garantir um ambiente educacional inclusivo e equitativo.

Nesta direção, ao se referir às queixas escolares, Souza (2009) afirma que, historicamente as avaliações e intervenções tinham como principal característica, na grande maioria das vezes, culpabilizar as crianças, dando explicações sem considerar o processo de escolarização que produziu tal queixa. Na perspectiva de um olhar crítico, considera-se que os rótulos impostos aos alunos como aqueles que são desinteressados, apáticos, entre outras adjetivações, e que os acompanham vida afora, podem provocar a cristalização dos personagens na escola, não possibilitando conhecer os fatores multideterminados que levam ao não aprendizado. Desta forma, a intervenção com um enfoque crítico questiona a culpa imposta ao aluno pelo fracasso e direciona sua análise para as questões mais amplas, incluindo a qualidade do ensino, os preconceitos, os estereótipos existentes no contexto escolar, na busca da compreensão desse homem concreto, que se constitui nas relações sociais.

Silva (2024) destaca a importância da psicologia escolar e educacional na atuação frente às queixas escolares, defendendo que os psicólogos desempenham um papel crucial na análise e compreensão dos fatores que contribuem para as dificuldades enfrentadas pelos estudantes. A psicologia escolar e educacional, ao lidar com a queixa escolar, vai além da abordagem individualizada, entendendo essas queixas como manifestações de problemas mais amplos, que envolvem aspectos socioeconômicos, culturais e pedagógicos. De acordo com Patto (1999; 2022), a culpabilização pelo fracasso dos estudantes na escola passa a ser concebida como resultado de características individuais e não como um processo que precisa ser compreendido nas próprias relações sociais, sendo assim, associadas a certas patologias e/ou transtornos psicológicos do desenvolvimento/aprendizagem presentes nos estudantes, que justificariam o seu fracasso no ambiente escolar.

O processo escolar é composto por múltiplas dimensões que vão além do simples aprendizado acadêmico, envolvendo aspectos sociais, culturais e emocionais que impactam o desenvolvimento dos alunos. A escola, enquanto instituição, está imersa em uma série de relações e contextos que refletem as desigualdades presentes na sociedade, o que exige uma abordagem crítica da psicologia escolar e educacional. Essa atuação crítica deve se concentrar não apenas nas dificuldades individuais dos estudantes, mas também nas condições estruturais que influenciam seu processo de aprendizagem, como o contexto socioeconômico, as práticas pedagógicas e as dinâmicas de poder presentes no ambiente escolar. Portanto, deve adotar uma postura reflexiva e interventiva, buscando promover a inclusão, a equidade e o desenvolvimento pleno dos estudantes, além de colaborar para a transformação das práticas educacionais e sociais dentro da escola.

De acordo com Souza (2009), a reflexão crítica sobre a atuação da Psicologia Escolar e educacional deve considerar a materialidade histórica das dimensões que envolvem o fracasso e as queixas escolares, reconhecendo que esses fenômenos são o resultado de múltiplos fatores que vão além das características individuais dos alunos. A autora argumenta que a psicologia escolar e educacional, ao adotar uma abordagem crítica, deve se fundamentar nos postulados históricos e dialéticos, que analisam a escola como um espaço de reprodução das desigualdades sociais e culturais. O fracasso escolar não pode ser compreendido isoladamente, mas sim como parte de um contexto maior, que envolve as condições estruturais da sociedade, as relações de poder presentes na escola e as práticas pedagógicas que muitas vezes reforçam a exclusão.

Leite (2022) destaca a materialidade histórica das dimensões da queixa e do fracasso escolar deve ser compreendida a partir de uma análise crítica das condições estruturais e sociais que permeiam o ambiente educacional. O fracasso escolar, muitas vezes atribuído exclusivamente ao aluno, está profundamente enraizado em fatores multifacetados, como desigualdade social, exclusão e práticas pedagógicas inadequadas, que refletem questões históricas de classe, gênero e raça na sociedade. A queixa escolar, frequentemente dirigida aos estudantes ignora essas condições contextuais e não considera os aspectos socioeconômicos, culturais e emocionais que influenciam o processo de aprendizagem.

Mediante a análise dos fenômenos educativos e sociais, é necessário que os profissionais envolvidos com a educação básica busquem analisar o contexto de uma forma mais ampla, identificando as contradições presentes na sociedade e no ambiente escolar. Tal perspectiva exige a compreensão dessas contradições, assim como a análise das principais características do desenvolvimento de seus participantes (Lima & Facci, 2012). Patto (1999; 2022) destaca que a reflexão crítica é essencial para que a psicologia escolar e educacional contribua efetivamente para a superação das causas estruturais do fracasso escolar e para a construção de uma escola mais justa e democrática.

Além disso, Scarin e Souza (2020) discutem sobre a necessidade de considerarmos as dificuldades enfrentadas pela psicologia escolar e educacional durante a pandemia de COVID-19, destacando que a crise sanitária exacerbou questões já presentes no campo educacional, como a medicalização e a patologização dos processos educacionais. A interrupção das atividades presenciais e a migração para o ensino remoto impuseram desafios adicionais, como a dificuldade de estabelecer vínculos e a escassez de recursos para a intervenção psicopedagógica. A psicologia escolar e educacional, que tradicionalmente se ocupa da promoção do bem-estar e da aprendizagem, viu suas práticas dificultadas pela necessidade de adaptação a um novo formato de trabalho, o que exigiu uma reconfiguração das intervenções psicológicas e pedagógicas. Além disso, a intensificação das queixas relacionadas ao desempenho acadêmico, o aumento do sofrimento psíquico dos alunos e a pressão por resultados imediatos contribuíram para um fortalecimento da medicalização das dificuldades escolares, tornando ainda mais evidente a necessidade de reflexão crítica sobre os rumos da psicologia escolar e educacional frente aos desafios impostos pela pandemia.

Por meio de uma prática fundamentada em uma visão crítica e reflexiva, o psicólogo pode contribuir para o enfrentamento das desigualdades educacionais, a desconstrução de preconceitos e a ressignificação da função social da escola, buscando sempre o fortalecimento de ações que promovam a equidade e a cidadania (Lessa, 2024). Assim, o psicólogo escolar e educacional assume uma posição ativa na construção de uma educação comprometida com a transformação social e a formação integral dos sujeitos.

Asbahr (2014) indica a necessidade de uma reflexão crítica sobre a própria formação em termos da Psicologia Escolar, sugerindo que o psicólogo escolar e educacional, ao ser formado, deve ser preparado para lidar com as complexidades sociais da escola, indo além da psicologia clínica tradicional. A formação crítica propõe uma psicologia escolar que não apenas trate de questões individuais, mas que também considere as condições sociais, políticas e culturais que afetam o processo educacional, buscando promover mudanças significativas tanto no nível micro (do aluno) quanto no nível macro (da estrutura da escola e da sociedade). Dessa maneira, é imprescindível que os alunos do curso psicologia desenvolvam uma postura reflexiva e crítica sobre o papel do psicólogo escolar e educacional e sobre os modelos de ensino tradicionais. Além disso, devem buscar sempre a conexão entre a Psicologia e Educação, pensando na escola como um contexto de transformações sociais, para que possam, enquanto psicólogo escolar e educacional, serem capazes de atuar não apenas em questões individuais, mas também coletivamente, influenciando a mudança nas estruturas da escola.

Leite (2022) aponta que a psicologia escolar e educacional, ao reconhecer essas múltiplas dimensões, deve adotar uma postura crítica que vá além da simples intervenção no indivíduo, focando também na transformação das práticas educativas e na promoção de uma escola democrática que respeite as diversidades e busque a emancipação dos estudantes.

A atuação do psicólogo escolar e educacional deve ser mais ampla, envolvendo interação com professores, educadores, familiares e comunidade escolar para promover mudanças no ambiente escolar e nos processos pedagógicos. A psicologia escolar e educacional crítica não deve se limitar a diagnosticar e corrigir problemas individuais, mas questionar as práticas pedagógicas, buscando entender as dificuldades de aprendizagem e os comportamentos dos alunos a partir de uma visão crítica da estrutura educacional. A psicologia escolar e educacional tem um papel importante em desafiar as estruturas educacionais dominantes, propondo práticas pedagógicas mais inclusivas e sensíveis às diversidades dos alunos (Firbida & Vasconcelos, 2018).

Souza (2009) sugere que as dificuldades de aprendizagem frequentemente são reflexo de problemas estruturais e de contextos educativos que, ao não se adaptarem às necessidades das crianças, geram dificuldades que vão além das capacidades individuais. Segundo a autora, o contexto escolar não é apenas um local de transmissão de conteúdo, mas um espaço onde questões culturais, sociais e históricas se entrelaçam, influenciando as relações e as condições de aprendizado. Em vez de focar exclusivamente em "problemas de aprendizagem", a autora propõe que o olhar se volte para o "processo de escolarização", o que inclui repensar o papel das práticas educativas e a maneira como a escola responde às realidades diversas dos alunos.

De acordo com as Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na educação básica (CFP, 2019), o psicólogo escolar e educacional desempenha um papel crucial na identificação e resolução de problemas que afetam o aprendizado e o bem-estar dos alunos, devendo atuar de maneira integrada ao contexto escolar, trabalhando junto a professores, gestores e famílias para compreender as diversas dimensões – emocionais, sociais e culturais – que impactam o processo educativo. A atuação do psicólogo deve auxiliar a identificação dos diversos fatores presentes no contexto social complexo que se inserem cada escola, que podem estar associados ao fracasso escolar e outras dificuldades de aprendizagem, promovendo estratégias que valorizem a inclusão e a diversidade. Assim, o psicólogo deve ser um agente de transformação, contribuindo para o fortalecimento de uma educação que acolha as diferenças e que se ajuste às necessidades dos alunos, promovendo um ambiente de aprendizado mais justo e efetivo.

Vieira e Caldas (2022) realizaram uma pesquisa bibliográfica sistemática sobre as publicações de práticas de psicólogos no contexto escolar e as Referências Técnicas, entre 2009 e 2019, no Brasil. Esse estudo identificou que na rede pública, o psicólogo tem um papel fundamental na construção de conteúdos e reflexão conjunta com equipe de educadores, famílias e estudantes, na mediação de relações e compreensão dos processos de ensino e aprendizagem. Essas práticas estão orientadas para a promoção de uma educação emancipatória, tanto por meio de iniciativas oriundas das Instituições de Ensino Superior (IES) quanto das produzidas diretamente no contexto escolar da Educação Básica. As autoras

destacam, ainda, que a atuação dos psicólogos na elaboração e reformulação dos Projetos Políticos Pedagógicos tem sido crucial para a construção da identidade escolar, ao mesmo tempo em que possibilita a criação de significados e sentidos que resgatam a função social da escola. Dessa forma, a psicologia escolar e educacional não se limita a intervenções individuais, mas se expande para o campo coletivo, promovendo transformações nas práticas pedagógicas e na organização do espaço escolar, alinhando-se ao referencial da Psicologia Histórico-Cultural e às demandas sociais e educacionais contemporâneas.

No contexto da produção de conhecimento e de práticas sobre a psicologia escolar e educacional, a iniciação científica possibilita que o aluno compreenda os fenômenos educacionais dentro do contexto no qual tais fenômenos são produzidos, como por exemplo a "produção do fracasso escolar" (Patto, 1999). A partir da aproximação dos alunos de iniciação científica com o próprio contexto escolar, se estabelecem melhores condições para a identificação dos atravessamentos que afetam o contexto escolar enquanto um ambiente social complexo. Segundo Patto (1999; 2022), o fracasso escolar não é meramente uma questão de dificuldades individuais, mas resulta de um sistema que, muitas vezes, reproduz a exclusão social e a desigualdade, produzindo alunos "fracassados" ao não considerar as diversas realidades culturais e socioeconômicas. Assim, ao se engajar em projetos de pesquisa, o estudante de psicologia tem a oportunidade de observar e analisar como as práticas escolares podem contribuir para a marginalização de determinados grupos. Essa análise crítica, alimentada pela iniciação científica, fortalece o vínculo entre teoria e prática, capacitando o futuro profissional a intervir de maneira mais ética e informada. Esse desenvolvimento crítico é crucial para promover uma prática que busque combater, ao invés de perpetuar, as desigualdades que geram o fracasso escolar.

É sob este enfoque crítico em psicologia escolar e educacional que ancoramos as atividades desenvolvidas ao longo de um projeto de Iniciação Científica¹. A iniciação científica é uma oportunidade fundamental para alunos de psicologia, pois permite a compreensão crítica das práticas e teorias que moldam o campo. Ao envolver-se com pesquisa desde cedo, o estudante não apenas desenvolve habilidades metodológicas, mas também adquire uma visão reflexiva sobre os problemas sociais que afetam a educação e a prática profissional. A iniciação científica desempenha um papel fundamental na formação do psicólogo escolar e educacional, pois possibilita a construção de conhecimentos teóricos e práticos que fundamentam a atuação profissional, favorecendo a reflexão crítica sobre as práticas educacionais e contribuindo para o desenvolvimento de novas abordagens a serem aplicadas no contexto escolar (Souza Filho et al., 2023).

O objetivo deste artigo é apresentar um relato de experiência de iniciação científica sobre a atuação do psicólogo escolar e educacional na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, observando e elaborando intervenções no processo de escolarização de crianças em uma escola do estado do PR.

MÉTODO

Este estudo trata-se de um relato de experiência que descreve e reflete as ações que foram desenvolvidas junto ao projeto de Iniciação Científica “Como ficam os sentimentos dos alunos frente às queixas escolares?”, com o apoio da Fundação Araucáriaⁱⁱ. Durante a realização das atividades relacionadas ao projeto de iniciação científica, as estudantes de Psicologia tiveram a oportunidade de desempenhar as atividades acadêmicas na educação básica junto a crianças, desenvolvendo competências associadas às possibilidades de atuação do psicólogo escolar e educacional. Ao mesmo tempo, foi possível desenvolver habilidades de produção de conhecimento científico por meio da observação e registro das atividades desenvolvidas no processo de escolarização.

Informa-se que, por se tratar de um relato de experiência, conforme disposição do art. 1º, parágrafo único, inciso VIII, da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP “atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização” (Brasil, 2016). Entretanto, ressaltamos que todos cuidados éticos foram devidamente respeitados, inclusive as questões relacionadas à garantia do sigilo para todos os participantes.

O projeto teve como objetivo possibilitar a iniciação científica de alunos do curso de bacharelado em Psicologia a respeito das possibilidades de atuação do psicólogo escolar e educacional, desenvolvendo habilidades para a observação do processo de escolarização da educação infantil e do ensino fundamental em uma Escola Municipal no norte do Paraná e elaboração de um plano de intervenção junto a esses alunos.

As atividades foram desenvolvidas por duas estudantes de Psicologia em uma escola municipal, no norte do Paraná. As atividades foram desenvolvidas em uma sala de aula de 3º ano, composta por 25 alunos (com idade variando entre 8 e 9 anos), que foi indicada pela diretora, com a concordância da professora. As estudantes de Psicologia, vinculadas ao projeto de iniciação científica, desenvolveram as atividades de coleta de dados durante os cinco meses iniciais do ano, participando desde a realização de leitura/fichamento de textos e supervisões para orientar as visitas na escola, o acompanhamento das atividades de rotina da sala, realização das observações participantes e a interação com os alunos e com as professoras. Posteriormente foi realizada a organização dos dados coletados para a elaboração de uma análise institucional e o planejamento do plano de ação que seria aplicado junto à sala e a finalização das atividades com a realização das intervenções ao longo dos seis últimos meses do ano. Todas as atividades ocorreram semanalmente, durante um período total de um ano, de forma presencial. Todos os materiais utilizados durante as atividades realizadas pelas estudantes em sala de aula foram disponibilizados pela escola, por se tratar de

materiais escolares como cartolina, cola, sulfite, canetinha etc. As cartinhas de emojis foram produzidas pelas próprias estudantes de Psicologia.

Inicialmente, as estudantes realizaram a leitura e a discussão de livros e artigos relacionados à Psicologia Histórico-cultural, acerca das principais características do processo de escolarização de crianças no contexto escolar. As estudantes realizaram o fichamento dos materiais lidos, que foram discutidos nas supervisões, oferecendo um arcabouço conceitual e crítico para a identificação das questões envolvidas nos processos de escolarização dentro do ambiente escolar.

Posteriormente, os estudantes de psicologia realizaram a coleta das informações, a respeito das atividades pedagógicas desenvolvidas pela professora. Foi utilizada a observação participante, realizada em grupo, as quais contemplavam a observação e a identificação dos aspectos que foram inicialmente discutidas nas supervisões sobre as diversas situações escolares identificadas nos processos de escolarização.

Foram observados na rotina da sala de aula: o modo de se relacionar dos alunos com os colegas e professores, a forma de organizar estudo, questões relacionadas à sua autoestima, a maneira de se comportar diante de novas situações, o relato da criança sobre o que se sente em relação à escola, sua interação social e seu desempenho de acordo com as atividades desenvolvidas na sala de aula. Também foi possível analisar as concepções que os professores possuíam sobre os sentimentos relatados pela criança com dificuldade na aprendizagem, além de verificar junto à criança a concepção da queixa escolar e como foi construída, e mediante as análises, identificar o processo de como se chegou ao diagnóstico e/ou a queixa apresentada.

Durante toda a coleta de informações, as estudantes de Psicologia tiveram a oportunidade de trabalhar diretamente com as crianças, com os professores, com a equipe pedagógica e com as famílias, na busca de identificar as queixas trazidas de casa e como elas foram construídas ao longo do processo de escolarização dessas crianças. Foi possível identificar também os sentimentos expressos pelas crianças frente às dificuldades e desafios no contexto escolar vivenciados pelos envolvidos no processo de escolarização.

A coleta de informações foi realizada pela observação e registro em diário de campo, dinâmicas em grupo, atividade escrita, atividades para expressão da fala, músicas com expressão corporal de ritmo, velocidade, intensidade e emoção, discussão sobre assuntos de interesse do grupo

A partir da realização das atividades de observação e acompanhamento das turmas, foi possível a organização de uma análise/diagnóstico institucional, baseado no estudo realizado por Lessa (2014). Foram considerados os seguintes eixos fundamentais para analisar todo o contexto observado e elaborar análise institucional: dimensão institucional, dimensão pedagógica, dimensão relacional, dimensão cultural e a dimensão das políticas educacionais.

Neste sentido, ao investigar as queixas relatadas, todas as análises realizadas pelas estudantes tiveram enfoque na identificação das cinco dimensões apresentadas, a saber:

A **Dimensão Institucional** abrange todas as relações presentes no ambiente escolar. Essa dimensão busca analisar a escola e as relações institucionais, históricas, psicológicas, pedagógicas que constituem o dia a dia escolar.

A **Dimensão Pedagógica** abrange as situações de ensino entrelaçadas na relação entre aluno-professor-conhecimento, frente aos objetivos de ensino estabelecidos, os conteúdos planejados, as atividades desenvolvidas, o material didático utilizado, a linguagem como forma de comunicação, e as formas de avaliar o ensino e a aprendizagem.

A **Dimensão Relacional** abrange todas as relações interpessoais entre professores, alunos, suas famílias e funcionários no âmbito escolar.

A **Dimensão Sociocultural** abrange o contexto social do bairro em que a escola está inserida e a relação que a escola estabelece com a comunidade à sua volta.

A **Dimensão das Políticas Educacionais** abrange todas as políticas implementadas no ambiente escolar. Segundo Lessa (2014), essa dimensão inclui pensar a escola como um espaço onde as políticas públicas se materializam nas políticas educacionais por meio da prática docente, da atividade pedagógica, nos princípios filosóficos impostos à escola, as leis educacionais que expressam a ideologia do Estado e a forma como essas leis se articulam nas relações institucionais no contexto educacional.

Após a coleta das informações, todos os dados coletados foram organizados e sistematizados, de acordo com as cinco dimensões apresentadas, para possibilitar a análise institucional e a identificação das principais demandas a serem consideradas no plano de ação para as intervenções a serem realizadas.

Foi elaborado um plano de ação para buscar atender as demandas identificadas e estruturadas na análise institucional, que foi elaborado juntamente com a direção e coordenação pedagógica da escola, com a possibilidade de ajustes caso necessário ao longo do ano letivo. Para alcançar tais objetivos, o plano de ação e as intervenções propostas foram ancorados, teórico-metodologicamente, na perspectiva da Psicologia-Histórico-Cultural, que tem por epistemologia o sujeito histórico, que se constitui na relação com a história e a cultura. O plano de ação foi organizado em 18 encontros, categorizados de acordo com as principais demandas identificadas na análise institucional e que foram implementadas, semanalmente, com duração de 50 minutos, ao longo de seis meses. Os objetivos e atividades realizados durante a implementação do plano de ação estão descritas no próximo tópico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste item, serão apresentados os principais resultados obtidos em termos da identificação dos aspectos envolvidos à construção de processos de escolarização e os planos de ação e dinâmicas desenvolvidas pelo grupo de estudantes de Psicologia na escola, frente às demandas identificadas junto às turmas, professores e equipe pedagógica.

A seguir, serão apresentadas as atividades elaboradas e realizadas pelas estudantes de psicologia, que possibilitaram a compreensão das diferentes dimensões envolvidas na atuação do psicólogo escolar e educacional. Tais atividades proporcionaram o estabelecimento de aproximações entre os componentes teóricos e práticos da atuação em psicologia escolar e educacional, desenvolvendo a construção das habilidades de observação, análise e intervenção no processo de escolarização de crianças no contexto escolar.

- “Conhecer uns aos outros”: Foi solicitado às crianças que desenhassem elas mesmas do jeito que quisessem, e escrevessem suas características. Na sequência os desenhos foram apresentados para os colegas. O objetivo era fazer uma atividade para as crianças se apresentarem e tornar possível a observação da relação que elas estabelecem umas com as outras e a capacidade de falarem de si mesmas. As crianças se desenharam, no lugar, e da forma como preferiram, pintando e usando a criatividade para retratar como se veem. Para fechamento da atividade, cada criança apresentou sua produção destacando suas características para os colegas.

- “Duas histórias ao mesmo tempo”: Essa atividade foi selecionada visto à demanda observada em sala e diante da queixa da professora, a qual era de que os alunos falavam todos ao mesmo tempo, provocando barulho e confusão. No desenvolvimento da atividade, duas pessoas contavam duas histórias diferentes ao mesmo tempo, provocando situação semelhante à queixa da professora. O objetivo era provocar que as crianças visualizassem a situação de confusão quando as pessoas falam todas ao mesmo tempo, sem ouvir e esperar a sua vez para falar. Na sequência, foram perguntadas quantas entenderam cada história, e quem não entendeu, promovendo a discussão sobre esse impasse. Na sequência, as crianças escolheram uma das histórias para ser contada sem interferência de outra.

- “História Continuada”: O objetivo da atividade foi promover a interação entre as crianças, provocando, com a situação de uma história, o respeito pela vez do colega falar. Os estudantes de Psicologia separaram algumas imagens recortadas referentes ao número de estudantes, e foram tirando uma por uma de dentro da bolsa. Cada imagem que saísse da bolsa, a criança deveria continuar a história que foi começada, mas colocando aquele objeto dentro da história, sem a intromissão dos colegas. Segundo o relato das estudantes de Psicologia, o exercício de esperar a vez para falar não foi fácil para as crianças, sendo essa dificuldade evidente nas

situações do cotidiano da aula. Ao final, algumas crianças ainda apresentavam a intromissão enquanto os colegas falavam.

- “Super Herói”: Com o objetivo de que os alunos se identificassem com os super-heróis e percebessem algumas características pessoais para então, mostrar à turma. Foi entregue a cada aluno uma folha e pedido para que desenhasse o super-herói que eles escolhessem. Ao final, cada criança apresentou seu super-herói e comentou a escolha.

- “Bastão da Palavra”: O objetivo era fazer com que as crianças respeitassem a vez do colega de falar. O Bastão da Palavra que, foi uma boneca montada pelas estudantes de Psicologia, era o objeto que representava a vez de falar daquele que a mesma estivesse nas mãos. Seguidamente, as crianças tiveram dificuldades em esperar a vez do colega falar. O bastão da palavra ficou à disposição na sala de aula como recurso que a professora poderia utilizar no dia a dia. Segundo relatos da professora, na primeira semana a boneca foi bem utilizada; na segunda semana, a professora mencionou que esqueceu de aplicá-la nas atividades, e na terceira semana, ao chegar na sala, as estagiárias perceberam que a boneca já não estava mais ali. Ao perguntar para a professora sobre a boneca, ela não soube explicar o que havia acontecido com a boneca e nem mesmo onde estava. Dali em diante, as alunas de Psicologia não utilizaram mais a boneca nas atividades. O fato de a boneca ter sumido e a professora não ter explicação de onde a mesma poderia estar, indicou certa indiferença por parte da professora em utilizar as estratégias apresentadas pelas alunas.

- “Autorretrato”: O objetivo era fazer com que as crianças olhassem para si e contassem um pouco mais de si mesmas e suas características pessoais. Cada criança deveria fazer um autorretrato, escrever uma frase ou uma palavra para se descrever. Ao final, em roda, aqueles que quiseram, comentaram suas características. Nesta atividade, foi utilizada a boneca como estratégia para respeitar a vez do colega falar e ter seu momento assegurado de que todos estariam ouvindo seu relato.

- “Mãos com qualidades e defeitos”: O objetivo foi destacar as qualidades das crianças, porém, fazendo-as pensar também em seus defeitos. Em uma folha sulfite as crianças desenharam suas mãos. Em quatro dos dedos da mão elas escreviam uma qualidade em cada dedo, no dedo mindinho eles deveriam escrever um defeito. Após todos escreverem, apresentaram para o grupo e debateram se o grupo concordava ou não com a descrição.

- “Escravos de Jó”: Essa brincadeira é desenvolvida em roda, com os participantes sentados, a qual passa um objeto em sentido horário enquanto se canta a cantiga de roda. O objetivo era fazer com que os alunos praticassem sua coordenação motora, o trabalho em grupo, a flexibilidade para lidar com as situações de conflitos e a espera do colega no ritmo da música. A sala foi dividida em 3 grupos e levou tempo para ser dominada pelos grupos, que pediram para repetir várias vezes. Ao final, foi a tentativa de juntar todos de uma vez e, como o tempo estava

avançado, foi combinada a continuação desta atividade na próxima semana. Esta atividade ficou como uma das preferidas da turma, pois vez ou outra solicitavam a repetição.

- “Carinhas dos sentimentos”: O objetivo era formar frases de acordo com as emoções expostas e aprender e discriminar emoções em diferentes aspectos. Em uma folha de sulfite as crianças tiveram que escolher duas emoções (representadas por carinhas/emojis do WhatsApp) que estavam coladas na lousa, em seguida montar duas frases de acordo com as emoções escolhidas. Ao final, as crianças leram as frases formadas e apresentaram quais emoções escolheram para escrever. Essa atividade ficou como uma das preferidas, sendo lembrada e solicitada pelas crianças em outros momentos. Baseando-se nos pressupostos Vigotskianos, ressaltamos a ênfase dada pelo autor, de que o afeto e a cognição são funções psicológicas que devem ser consideradas vinculadas entre si e inseparáveis, indo em dissonância às teorias que as consideram separadamente.
- “Desenho do amigo de sala”: O objetivo da atividade foi ressaltar as qualidades e minimizar os defeitos, então, as crianças desenharam o colega e apresentar duas qualidades. Ao final, muitas qualidades foram elencadas e ressaltadas, deixando de lado os defeitos e pontos que acabavam gerando conflitos.
- “Jogo dos sentimentos”: utilizar as cartinhas que contém questionamentos assim, cada criança responde à pergunta e dá um exemplo de uma situação no ambiente escolar e em casa que já aconteceu e a emoção envolta à situação. Considerando a importância das emoções para a aprendizagem e sua intersecção com a cognição, a perspectiva Histórico-cultural defende que as emoções são formadas a partir do contexto Social do sujeito. Exercitar as emoções nas atividades em grupo, o qual as crianças têm vínculo estabelecido, promove a aprendizagem do reconhecimento, desenvolvimento, nomeação e a expressão assertiva das emoções.
- “Jogo da memória dos sentimentos”: funciona como um jogo de memória, onde as cartas são dispostas na mesa, viradas para baixo e o jogador deve encontrar o par da carta. Se o jogador errar, vira as duas cartas e começa a busca novamente. Esse formato pode ser jogado em duplas. Nesse caso, os sentimentos foram escritos para exercitar a leitura e escrita, mas poderiam ser através dos *emojis* do *WhatsApp*, tão conhecido pelas crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um local que proporciona ao psicólogo escolar e educacional inúmeras oportunidades para sua intervenção e, ao mesmo tempo, a escola também se beneficia dessas ações. Essa diáde se faz na medida em que o profissional tem consciência de seu próprio papel na escola, e esta, por sua vez, cria um ambiente facilitador de atuação para o psicólogo.

Tomando como referencial a Psicologia Histórico-cultural, destacamos que a atuação do Psicólogo escolar e educacional não se restringe ao aluno, ou a uma sala de aula, mas a toda a estrutura e dinâmica escolar, pois “a argumentação vai à direção contrária à defesa biologizante ou naturalizante, deslocando a discussão do âmbito individual para o social” (Lessa, 2024, pg.191).

Cabe ressaltar que todo o planejamento e ação dos profissionais nessa área depende da clareza dos objetivos propostos, o conhecimento da literatura dentro da área de atuação, medidas definidas operacionalmente para que possa averiguar a efetividade das ações propostas e, por fim, é necessário que avaliações críticas do trabalho sejam realizadas periodicamente para que, na falta de efetividade de alguma ação proposta, esta seja eliminada e novas ações se estabeleçam.

A realização de atividades de iniciação científica em psicologia escolar e educacional é essencial para a formação de profissionais capazes de compreender os aspectos multidimensionais que permeiam o ambiente escolar. A escola, como espaço social e educativo, é influenciada por fatores históricos, culturais, econômicos e políticos que moldam suas dinâmicas e impactam diretamente os processos de ensino e aprendizagem. Por meio da pesquisa e da prática, os estudantes de psicologia podem explorar essas dimensões, investigando questões como desigualdades sociais, medicalização, fracasso escolar e a relação entre o currículo e as demandas da própria comunidade escolar. Essa abordagem multidimensional permite que os futuros psicólogos desenvolvam uma visão crítica e integradora, capacitando-os a propor intervenções que não se limitem a tratar sintomas isolados, mas que considerem a complexidade das interações escolares. A elaboração das atividades acadêmicas de iniciação científica inseridas no contexto escolar, portanto, contribui para a formação profissional de futuros psicólogos escolares e educacionais e para a construção de práticas profissionais mais embasadas e voltadas à promoção de uma educação inclusiva, democrática e socialmente transformadora.

A atuação do psicólogo escolar e educacional no contexto escolar tem implicações profundas tanto para a formação de alunos engajados em iniciação científica quanto para a escola e a sociedade em geral. Para os estudantes envolvidos em pesquisa, essa interação oferece uma oportunidade única de vivenciar o cotidiano escolar de maneira crítica, investigando questões como as desigualdades educacionais, a queixa escolar e as dinâmicas de ensino e aprendizagem. Essa experiência não apenas aprofunda a formação acadêmica dos futuros psicólogos, mas também fomenta habilidades analíticas e práticas que os capacitam a propor intervenções fundamentadas e transformadoras.

No âmbito da escola, a presença do psicólogo com abordagem crítica pode redefinir a maneira como os desafios educacionais são enfrentados, promovendo práticas pedagógicas mais inclusivas e que dialoguem com as realidades sociais dos estudantes. Ao atuar de maneira integrada com professores, gestores e a

comunidade escolar, o psicólogo contribui para a construção de um ambiente mais acolhedor e propício ao desenvolvimento integral dos alunos.

Para a sociedade, a atuação do psicólogo escolar e educacional tem o potencial de gerar impactos mais amplos, ao contribuir para a formação de indivíduos críticos e conscientes de seu papel social. Por meio de uma prática alinhada às necessidades do contexto educacional, o psicólogo ajuda a construir escolas mais democráticas, que não apenas promovem o aprendizado, mas também se posicionam como espaços de emancipação e transformação social. Assim, a atuação desse profissional se torna um elemento-chave para o fortalecimento das bases educacionais e sociais do país.

Como resultados, foi possível observar que as crianças passaram a ficar mais engajadas na realização das propostas nos encontros e até mesmo nas atividades de rotina das aulas, propiciando melhor socialização e empatia entre si, exercitando a expressão verbal, expressão dos sentimentos, o desenvolvimento de as habilidades sociais e o reconhecimento das próprias emoções nas diversas situações. As duas professoras da sala, relataram para as estudantes de psicologia que a experiência foi prazerosa e proveitosa, pois em sua história de docentes ainda não haviam participado de algo parecido. Segundo os relatos, o trabalho em grupo com a sala proporcionou às crianças, momentos para debates entre si sobre temas que cotidianamente as professoras não abordavam, além de perceberem mudanças no comportamento na rotina do dia a dia, como por exemplo, ajudar os colegas que estavam com dificuldades em alguma tarefa. A professora regente relatou ainda que, uma família mencionou a importância do trabalho desenvolvido com a sala na reunião de pais, explicitando a opinião de que, todas as escolas deveriam ter profissionais da psicologia para acompanhar a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

Importante destacar que para Silva, Facci e Souza (2018), a reflexão crítica sobre a atuação da psicologia escolar e educacional é vista como essencial para o enfrentamento dos desafios contemporâneos na educação. As autoras destacam que, em um contexto educacional marcado por desigualdades sociais, econômicas e culturais, o psicólogo escolar e educacional não deve apenas se limitar a intervenções pontuais, mas adotar uma postura crítica que questiona e transforma as estruturas e práticas educacionais.

As estudantes de Psicologia, apontaram que o projeto proporcionou a experiência de atuar junto à comunidade escolar de forma efetiva e próxima, favorecendo o desenvolvimento de habilidades requeridas do psicólogo como: expressar com uma comunicação assertiva, entrevistar, liderar grupos, observar o contexto, relatar, formatar relatórios, apresentar trabalhos em seminários, além de ampliar suas relações sociais com toda a equipe pedagógica, crianças e famílias. Por meio dos relatos, as estudantes afirmaram que a experiência possibilitou a aproximação com a educação básica e o público infantil, instigando-as a continuar outros trabalhos.

Reforçamos que a psicologia escolar e educacional precisa ir além da abordagem individual e buscar compreender as condições sociais e políticas que afetam o processo de ensino-aprendizagem, promovendo uma educação inclusiva, democrática e emancipatória. Nesse sentido, os psicólogos escolares têm um papel fundamental na defesa da democracia e na promoção de uma educação que respeite os direitos e a dignidade de todos os alunos, reconhecendo suas diversidades e potencialidades. Essa reflexão crítica é, portanto, um instrumento de transformação que visa não apenas a adaptação dos indivíduos ao sistema educacional, mas a mudança das próprias práticas pedagógicas e da organização da escola. A respeito das contribuições da Psicologia Histórico-Cultural, a psicologia escolar e educacional deve ser entendida dentro de uma perspectiva crítica, como uma área que envolve as dimensões sociais, culturais e políticas do contexto escolar, e não apenas como uma prática técnica de diagnóstico e intervenção em nível individual

REFERÊNCIAS

- Andaló, C. S. A. (1984). O papel do psicólogo escolar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 4(1), 43–46. <https://doi.org/10.1590/S1414-98931984000100009>
- Asbahr, F. S. F. (2014). Notas sobre o ensino de psicologia escolar em uma concepção crítica. *Psicologia Ensino & Formação*, 5(1), 20-31.
- Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. (n.d.). *O psicólogo escolar*. Recuperado de <https://abrapee.wordpress.com/sobre/o-psicologo-escolar/>
- Brasil. (2016). *Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília: DF.
- Conselho Federal de Psicologia. (2019). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) na educação básica*. Brasília: CFP. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-na-educacao-basica/>
- Firbida, F. B. G., & Vasconcelos, M. S. (2018). O desenvolvimento histórico da psicologia escolar crítica no Brasil. *Psicologia em Estudo*, 23. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23i0.40300>
- Leonardo, N. S. T., Rossato, S. P. M., & Leal, Z. F. R. G. (Orgs.). (2012). *Pesquisas em queixa escolar: Desvelando e desmistificando o cotidiano escolar*. Maringá: EDUEM.
- Leite, S. A. S. (2022). A psicologia e a construção da escola democrática. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26, e267189. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022267189>
- Lessa, P. V. (2014) *O Processo De Escolarização E A Constituição Das Funções Psicológicas Superiores: Subsídios Para Uma Proposta De Avaliação Psicológica*. Tese Doutorado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lessa, P. V. (2024) O psicólogo escolar na educação: por uma atuação crítica necessária, In J. R. S. Silva, & I. C. S. Cunha (Orgs.), *Educação no contexto contemporâneo: ensino, diálogos e perspectivas* (pp. 185-196). Curitiba: Editora Bagai.
- Lima, E. C., & Facci, M. G. D. (2012). A profissionalidade do professor de educação especial: Uma reflexão acerca do trabalho e processo de alienação. In S. M. S. Barroco, N. S. T. Leonardo, & T. S. A. da Silva (Orgs.), *Educação especial e teoria histórico-cultural: Em defesa da humanização do homem* (pp. 73-97). Maringá: EDUEM.

- Martins, J. B. (2003). A atuação do psicólogo escolar: multirreferencialidade, implicação e escuta clínica. *Psicologia em Estudo*, 8(2), 39–45. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000200005>
- Martins, L. M. (2021). *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados.
- Patto, M. H. S. (1999) *A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia*. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Patto, M. H. S. (2022). *Psicologia e ideologia: Uma crítica à psicologia escolar*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/924>
- Saviani, D. (2017). Democracia, educação e emancipação humana: desafios do atual momento brasileiro. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 653–662. <https://doi.org/10.1590/2175-353920170213000>
- Scarín, A. C. C. F., & Souza, M. P. R. (2020). Medicalização e patologização da educação: desafios à Psicologia Escolar e Educacional. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24, e214158. <https://doi.org/10.1590/2175-35392020214158>
- Silva, S. M. C., Facci, M. G. D., & Souza, M. P. R. (2018). Editorial 22.3 - A Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE em defesa da democracia e da emancipação humana. *Psicologia Escolar e Educacional*, 22(3), 1–1. <https://doi.org/10.1590/2175-3539201803001>
- Silva, M. A. e. (2024). Revisitando a história da psicologia educacional e escolar no Brasil. *Cuadernos de Educación y Desarrollo*, 16(11), e6532. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n11-126>
- Souza Filho, J. A., Lavor Filho, T. L., Queiroz, A. A., Araújo, T. D., Pereira, L. C. H., Costa, É. A. G. A., Miranda, L. L., & Barros, J. P. P. (2023). Notas sobre a formação do psicólogo escolar/educacional: Revisão sistemática de 2009-2019. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, e243249. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-243249>
- Souza, M. P. R. de. (2009). Psicologia escolar e educacional em busca de novas perspectivas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 13(1), 179-182. Recuperado em 03 de dezembro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572009000100021&lng=pt&tlng=pt
- Souza, M. P. R. de. (2017). Reflexões a respeito da atuação do psicólogo no campo da psicologia escolar/educacional em uma perspectiva crítica. In *Formação em psicologia escolar: realidades e perspectivas*. Campinas: Alínea.
- Vieira, D., & Caldas, R. F. L. (2022). Psicologia Escolar: interlocução entre as referências técnicas e publicações de práticas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 26, e241884. <https://doi.org/10.1590/2175-35392022-241884>
- Vygotsky, L. S. (1991) *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1987).
- Vygotsky, L. S. (2007) *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7ª ed. São Paulo: Martins fontes. (Trabalho original publicado em 1984).

CONFLITOS DE INTERESSES


Não há conflitos de interesses.

FINANCIAMENTO


Apoio da Fundação Araucária: aluna bolsista do *PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À INCLUSÃO SOCIAL, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*. Projeto de Iniciação Científica: “Como ficam os sentimentos das crianças frente às queixas escolares”? Desenvolvido com estudantes de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia de Londrina, UNIFIL, nos anos de 2016 a 2020, com bolsa de Iniciação Científica.

SOBRE OS AUTORES

Patricia Vaz de Lessa é graduada em Pedagogia e em Psicologia, especialista em Metodologia da Ação Docente pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo IP-USP. Pós Doutorado no Programa de Pós Doutorado Departamento de Psicologia da Aprendizagem, Desenvolvimento e Personalidade – USP. Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina. e-mail: patricia.lessa@uel.br.

 <https://orcid.org/0009-0006-4699-7573>

Rafael Guillard Armelin tem graduação em Licenciatura e Formação em Psicologia pela UNESP/Bauru, mestrado pela UNESP Bauru no Programa de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem. Coordenador e professor do curso de Psicologia da Universidade Pitágoras Unopar Anhanguera de Araçongas. Professor Colaborador do Departamento de Psicologia Social e Institucional da Universidade Estadual de Londrina (UEL). e-mail: rafael.armelin@uel.br.

 <https://orcid.org/0009-0004-9931-1585>

ⁱ Anais do Congresso de Psicologia [9^o] Congresso de Psicologia: psicologia e suas múltiplas abordagens / coordenação Denise Hernandes Tinoco. – Londrina: EdUniFil, 2016.

ⁱⁱ Projeto de Iniciação Científica: “Como ficam os sentimentos das crianças frente às queixas escolares”? Desenvolvido com estudantes de Psicologia do Centro Universitário Filadélfia de Londrina, UNIFIL, nos anos de 2016 a 2020, com bolsa de Iniciação Científica, Apoio da Fundação Araucária: bolsista do *PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À INCLUSÃO SOCIAL, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA*